

**TEUS CANTARES, TEUS FALARES:  
UM CALEIDOSCÓPIO DO LÉXICO PIEMONTINO**

*Erick Naldimar dos Santos* (UEFS)  
[enaldimar@hotmail.com](mailto:enaldimar@hotmail.com)

*Norma Lúcia Fernandes* (UEFS)  
[norma.uefs@gmail.com](mailto:norma.uefs@gmail.com)

**RESUMO**

A fim de tentar uma desconstrução na ideia de homogeneidade linguística, diversos grupos de pesquisa emergiram no Brasil na área de sociolinguística e dialetologia, com o intuito de aprofundar os estudos sobre a linguagem e os fatores sociais de diferentes comunidades de fala. Neste ínterim, um estudo sociolinguístico permeia à descrição fundamentada em um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas. Desta forma compreendemos que o município de Jaguarari – BA, localizado na região Piemonte Norte Itapicuru, apresenta características que contribuirão para uma intervenção de uma Reconstrução identitária, articulando experiências e sujeitos sociais. A inexistência de fontes históricas contribui para a ocultação da história, o que recorreremos a relatos orais dos moradores mais antigos. A ideia de investigar os fenômenos da linguagem desta região se sustenta num discurso de que a educação somente será efetiva e de qualidade no semiárido, se ela tocar ao chão, tiver relação direta com seus protagonistas que vivem e reinventam sua própria história. Ao analisar o contexto histórico confirmamos as mudanças semânticas que as unidades lexicais sofrem ao longo de um período de tempo. Os vocábulos passam a ser aceitos como elementos da língua uma vez que se tornam aptos a expressar os valores de um grupo e satisfazer as suas necessidades de comunicação. No presente estudo, com base na teoria da variação e mudança (LABOV, 1982), poderemos pesquisar a permanência e transformações de verbetes, embasando também em outros referenciais teóricos como Mollica, Monteiro, Regina Zilberman, Todorov e Ieda Maria Alves, dentre outros.

**Palavras-Chave:** Sociolinguística. Comunidades de fala. Diversidade linguística

Em torno da década de 1970, vários grupos de pesquisa surgiram no Brasil na área da sociolinguística, buscando investigar a linguagem relacionando-a a fatores sociais que distinguem diferentes comunidades de

fala com o propósito de desconstruir a ideia de homogeneidade linguística.

A proliferação destes estudos tem suas bases na sociolinguística variacionista, no qual se entende que as variações e mudanças são inerentes às línguas e motivadas por aspectos culturais, fatores linguísticos e extralinguísticos.

De acordo com autores como Biderman (2001) “o léxico é um sistema aberto e o componente da língua mais sujeito a mudanças”. Diz, ainda, que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”.

Em seu texto clássico, Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam seu pensamento em relação às estruturas heterogêneas, em que

[...] são parte da competência linguística, ou seja, necessárias para o funcionamento real de qualquer língua e o indivíduo tem capacidade para codificar e decodificar essa heterogeneidade. Assim, para os variacionistas, a variação e a mudança são inerentes às línguas. A variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por extralinguísticos, e não é assistemática.

Neste ínterim, um estudo sociolinguístico permeia à descrição fundamentada em um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Portanto, calcula-se a influência que cada fator, linguístico ou extralinguístico, possui na realização de alguma variante.

Ao formalizar esse cenário, a análise sociolinguística busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (*sincronicamente*) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (*diacronicamente*).

Monteiro (2000) explica que a sociolinguística pode ser compreendida a partir de duas perspectivas diferentes de estudo: a macro sociolinguística e a micro sociolinguística. A primeira trata das relações entre a sociedade e as línguas como um todo, discutindo questões como as consequências do multilinguismo no desenvolvimento econômico e as prováveis políticas linguísticas que um governo pode adotar; a segunda analisa os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas, utilizando-se para tanto de testes estatísticos na tentativa de determinar as pressões que condicionam a aplicação de uma dada regra variável, sendo

este o enfoque da segunda perspectiva, comumente denominada, “sociolinguística variacionista” ou “teoria da variação”, corrente cujo grande expoente é William Labov.

Através da análise das variáveis sociais, busca-se definir o quadro de variação observado na comunidade de fala nos termos da dicotomia entre *variação estável* e *mudança em progresso*. No primeiro caso, conclui-se que o quadro de variação tende a se manter ainda por um longo período, já que não se verifica uma tendência de predominância de uma variante linguística sobre as outras.

Já o diagnóstico de mudança em progresso implica que o processo de variação caminha para a sua resolução em favor de uma das variantes identificadas, que deve se generalizar, tornando-se o seu uso praticamente categórico dentro da comunidade de fala. Nesse quadro, as outras variantes tenderiam a cair em desuso.

Para Mollica (2004), os estudos sociolinguísticos oferecem importante contribuição no sentido de “destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola procura desqualificar” e de certa maneira “banir como expressão linguística natural e legítima”.

Nesse sentido, a teoria da variação considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua. Portanto, como observou Mollica (*idem*), “ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível”.

A proposta deste artigo é a de construir um painel de conhecimentos sobre as dimensões geodialetoal, histórico-social e discursivo-cultural, com isso, ocupamo-nos da base geográfica do território de identidade Piemonte Norte do Itapicuru que abrange uma área total de 13.766,418 km<sup>2</sup> e é composto por nove municípios: Andorinha, Antônio Gonçalves, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Filadélfia, Jaguarari, Pindobaçu, Ponto Novo e Senhor do Bonfim. Sendo que nossos estudos serão específicos da cidade de Jaguarari.

A organização social desta região é baseada na comercialização associativista e extrativista da agricultura familiar, feiras livres, fundo de pasto, quilombolas, indígenas. Podemos notar que existe uma pluralidade

cultural e uma formação histórica bastante acentuada, capaz de oferecer subsídios que potencializam os estudos que permeiam esta perspectiva.

Este *locus* apresenta características que contribuirão para uma intervenção de uma reconstrução identitária, articulando experiências e sujeitos sociais. A ideia de investigar os fenômenos da linguagem se sustenta num discurso de que a educação somente será efetiva e de qualidade no semiárido, se ela tocar ao chão, tem relação direta com seus protagonistas que vivem e reinventam sua própria história.

Conforme afirma Ciampa a identidade é um desenvolvimento concreto, uma metamorfose. Os sertanejos não nascem predestinados como a seca, não devem ser submissos e estarem a ordem do “Deus dará”. Da mesma forma tem a língua este caráter plural e dinâmico que se transforma de maneira constante historicamente.

A primeira constatação acima – de que o vir a ser do homem não pode se confundir com o de uma semente – deve servir para questionar toda e qualquer concepção fatalista, mecanicista, de um destino inexorável, seja nas suas formas mais supersticiosas (“sou pobre porque Deus quer”, “nasceu para ser minoso”, etc.). Seja em formas mais sofisticadas de teorias pseudocientíficas (por exemplo, em certas versões de teorias de personalidade). (CIAMPA, 1991, p. 72)

Apropriamos das sutilezas para propagar os valores de um grupo e/ou comunidade e satisfazer as suas necessidades de comunicação e expressão. Levar em consideração as subjetividades humanas, isto é, a maneira como as pessoas vão sendo “subjetivadas”, pela história, pelo trabalho, pelo conhecimento, pela natureza, pelos apetrechos tecnológicos, pelo *locus* em que vivem, pelo tempo, pelas inter-relações. De acordo com Mollica “O preconceito linguístico tem sido um ponto bastante debatido na área, uma vez que se nota ainda a predominância de “práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado”, que tomam como referência o padrão culto”. (2004, p. 13)

Repleta de falares, estrangeirismos, neologismos, africanismos e outros modismos, percebemos o vasto acervo que constitui esta região. É inerente aos seres humanos a ação de nomear para indicar referentes múltiplos; desta maneira, o acervo de signos linguísticos constituídos pelo léxico, dos quais o homem além de se comunicar cria e armazena conhecimentos, reflete o universo sociocultural de uma sociedade.

Sobre os neologismos, estes podem ser caracterizados como “uma criação vocabular nova, incorporada à língua” (BIDERMAN, 2001, p.

203). Nesta linha de raciocínio, a autora continua sua afirmação explicitando que

o neologismo formal representa uma nova palavra introduzida na língua, que pode ser um termo vernáculo ou uma forma que passa a integrar o sistema linguístico por meio do contato com outras realidades linguísticas, sendo, assim, um empréstimo estrangeiro.

Biderman (2001) também corrobora com seu pensamento em relação às gírias. Estas podem ser ilustradas como uma criação do povo que se originam de suas necessidades e intencionalidades. Ainda segundo a autora, uma das questões mais características do fenômeno gírio é seu perfil transitório:

[...] os usuários da língua a consideram, com frequência, desgastada e descolorida, o que os leva a inventarem novos matizes metafóricos e metonímicos para palavras velhas, ou a inventarem novas formas que eles julgam corresponder melhor àquilo que pretendem dizer. Por essa razão, a gíria se desgasta com rapidez e pode ser facilmente posta de lado e substituída por outra gíria. (BIDERMAN, 2001, p. 207).

O registro de acervo histórico de uma região ratifica a teoria da existência das mudanças semânticas que as unidades lexicais sofrem ao longo de um período de tempo. Os vocábulos passam a ser aceito como elemento da língua uma vez que se torna apto a expressar os valores de um grupo e satisfazer as suas necessidades de comunicação.

Seguindo o pensamento da autora supracitada “a estruturação do léxico diz respeito a estruturação das palavras de acordo com os diversos contextos em que elas podem ser inseridas: explícitos ou situacionais.” Neste caso o vocábulo apresentará distintos significados em diversos contextos.

A teoria da variação e mudança (LABOV, 1982), nos oferece subsídios que contribuem para nossa compreensão à permanência e transformações de verbetes, frases, dialetos e falares típicos de qualquer região.

A língua falada no Brasil constitui um enorme grau de diversidade e de variação e isto se deve não apenas pela extensão territorial brasileira, mas também e principalmente pelas diferenças e injustiças sociais.

Marcos Bagno afirma que estas graves diferenças de “*status social*” que explicam esse “abismo linguístico” entre os falantes das variedades não padrão do português brasileiro que por sinal são a maioria da população, e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola.

Assim, esta maioria também fala o português, embora, seja uma variedade de português não padrão que apresenta e possui como afirma Bagno (1996), uma “gramática particular” que é considerada como um desprestígio e uma ofensa à norma culta. Considerando o português como a língua da maioria da população isso não quer dizer que o português seja compacto, uno e homogêneo, conforme discorre Bagno:

Na verdade, como costume dizer, o que habitualmente chamamos de *português* e um grande “balaio de gatos”, onde há gatos dos mais diversos tipos: machos, fêmeas, brancos, pretos, malhados, grandes, pequenos, adultos, idosos, recém nascidos, gordos, magros, bem-nutridos, famintos etc. Cada um desses “gatos” e uma variedade do português brasileiro, com sua gramática específica, coerente, lógica e funcional. E preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística de nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto a população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão. (BAGNO, 1996, p. 17)

Abaixo apresentaremos algumas palavras/expressões retiradas do *corpus* Amostras da Língua Falada em Anselino da Fonseca (In: ALMEIDA & CARNEIRO, 2008). Foram gravadas entrevistas no distrito de Piabas, município de Anselino da Fonseca, atual Caém, que fica na região do Piemonte da Diamantina.

#### ASSUNTE

Do verbo Assuntar, segundo o dicionário Online: V.t. Bras. Apurar, Verificar. Prestar atenção. V.i. Observar, Bisbilhotar.<sup>29</sup>

Pode ser considerada uma lexia própria das zonas rurais do interior da Bahia e de outros estados.

**Exemplo:** *Apois é. Assunte, isso aí é o tombo caçando jeito da vida que o parente num é daqui da minha terra não. Num foi* (J. F, Mulher, 60 anos, analfabeta).

#### ALFORJE

s.m. Saco fechado em ambas as extremidades e com uma abertura no centro, de modo que forma como que duas bolsas. Usa-se ao ombro, para distribuir o peso dos dois lados.

**Exemplo:** *Aí arrumava os aforje e eu, os aforje eu ainda tinha os aforje véi, já tá véi. Pelejei pa comer... pa comprar uns aforje mês passado, aí não pude.* (M. L, Homem 79 anos, analfabeto funcional).

---

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/assuntar>>.

### ARRUINAR

v.t Causar ruína a, aluir, destruir, derrocar: o terremoto arruinou a cidade. Estragar, abalar a saúde ou o crédito de: seus vícios arruinaram-no.

V.pr. Perder todas as riquezas, empobrecer. (...) Perder-se, destruir-se.<sup>30</sup>

No sentido usado na zona rural, especificamente no exemplo abaixo, significa estragou, secou, adoeceu a planta.

**Exemplo:** *E cadê a mandioca? Que se acabou tudo, arruinou, as nova que tinha tá tudo seca no mei da roça, secou né, foi num castigo mehmo, poque aqui é todo mundo toma conta de farinha, e a mandioquinha nova deu um fogo, secou, secou, secou mehmo, passou um fogo nela, só é pegano e arribano e jogano pra lá.* (J., Mulher, 70 anos, analfabeta).

### CACUNDO

Variação da palavra corcundo.

Exemplo: *Não sei quanto são de fio, e agora pegou ela, tá debuiano a vontade, o homem chega anda cacundo assim.* (V. M. L., Mulher, 74 anos, analfabeta).

### MANAÍBA

sf (tupi mandiyua) 1 Tolete do caule de aipim ou mandioca que se corta para plantio. 2 Muda de mandioca. V maniva.<sup>31</sup>

**Exemplo:** *Manaíba ninguém acha pa plantar. Que cabou tudo.* (J., Mulher, 70 anos, analfabeta).

### ONTONCE

Variação da palavra então.

Exemplo: *Quando ele fugiu né. Ontonce ele fugiu e diz que viajava, viajava pelo mato. Aí quano foi um dia, diz qu'ele tava dento de um riacho, assim, deitado, quando deu fê que evinha uma vaca né pa riba dele, aí ele pensou qu'era a tropa atrás né, êh "por Nossa Senhora num me mate meu pai, num me mate por Nossa Senhora".* (M. T., Homem, 73 anos, analfabeto).

### PÉ DE CUCA

Variação para demônio.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/arruinar>>.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/manaiba>>.

Exemplo: Num. *Ele falava todo mundo, F. meu irmão. E ele agora, digo: "mais F. tu sem querer trabaiaar, pois entregar teu espírito ao... ao pé de cuca."* "Ôche, eu queria era dinheiro." *Aí ele diz que se entregou, aí diz qu'ele disse: "e o trato?" Diz que só vai irriba do trato. "Que dia nós faz o... o trato?"*

#### "POR RIBA"

Por cima...

Exemplo: *Carregou. Passou por riba da ponte com mais de metro.* (M. T., Homem, 73 anos, analfabeto). (V. M. L., Mulher, 74 anos, analfabeto).

A riqueza com que podemos enxergar a língua não é a mesma vista por muitos gramáticos tradicionalistas. Além do mais a mídia reforça o preconceito reafirmando a teoria binária do que podemos conceituar como correto (a norma culta), e despreza a linguagem coloquial considerando atrasada, rude e negativa. Marcos Bagno corrobora com o seguinte pensamento:

[...] o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é "certo" e o que é "errado", sem falar, e claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. [...] O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de "preconceito positivo", que também se afasta da realidade. (BAGNO, 1996, p. 17).

Reconhecer as diferenças de normas linguísticas diferentes é por uma verdadeira análise de uma língua "viva" que nosso país utiliza.

O lugar constitui de uma multiplicidade de relações, ao mesmo tempo em que pode ser entendido enquanto uma realidade sensível, correspondendo ao uso e à prática vivida no cotidiano. A partir de um pensamento eurocêntrico é que este povo foi colocado à margem sendo alvo de rótulos que se intensificaram historicamente.

Conforme assinala Albuquerque Junior (2001, p. 27) a respeito do nordeste e do nordestino,

[...] não são um produto de um desvio de um olhar de fala, de um sistema de desvio de poder, mas são inerentes a esse sistema de forças e dele constitutivo. Somos agentes de nossa própria discriminação, opressão ou exploração. Elas não são impostas de fora, elas passam por nós.

Podemos assim pedir que se abram as cortinas, e que os expectadores estejam mais atentos às vozes sociais do sertão/semiárido, que marcam o discurso de lugar de um povo que descreve com pinceladas agudas suas resistências, lutas, histórias de vida, contos e causos sobre sua vida presente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano: amostras de língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina)*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008. 1 CD
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BIDERMAN, Maria Tereza. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CIMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. *Psicologia social: o homem em movimento*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- MOLLICA, M. Cecília. Sobre alguns conhecimentos indispensáveis para a formação em linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Formação em letras e pesquisa em linguagem*. Rio de Janeiro: Faculdade Letras UFRJ, 2004.
- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.